

AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO L2 E O PARÂMETRO DA DIREÇÃO DO NÚCLEO¹

Sebastião Carlos Leite GONÇALVES

RESUMO Neste artigo apresento uma análise de dados do início da aquisição do português como segunda língua, por seis crianças de uma comunidade de nipo-brasileiros do Brasil, as quais, até a idade escolar, falam unicamente o japonês como língua materna. Tomando o modelo de princípios e parâmetros da teoria da gramática gerativa (Chomsky 1981) e estudos sobre “language transfer” (Odlin 1989) como instrumental teórico, elegi para investigação um fenômeno sintático que diferencia o japonês do português: o parâmetro da linearidade (i.e., ordem das palavras), o qual estabelece para o japonês o núcleo sintagmático em posição final (“head-last”) e para o português, o núcleo em posição inicial (“head-first”). A partir das análises, mostro que, nesta fase da aquisição, as crianças menos proficientes em L2, na produção de sintagmas verbais (VP → V + complemento) e de sintagmas nominais (NP → N + complemento), transferem o parâmetro “head-last” do japonês para o português. As evidências mostradas neste trabalho contrariam alguns estudos que negam a existência de “transfer” (Dulay e Burt 1974, Dulay et al. 1982) sobretudo no nível sintático (Felix 1978, Paradis e Genesee 1996).

ABSTRACT In this paper, I present an analysis of data on initial acquisition of Portuguese as second language by six children living in a Japanese-Brazilian community in Brazil. These children speak only Japanese as their mother tongue, until school age. Taking the model of principles and parameters from generative grammar theory (Chomsky 1981) and studies of language transfer (Odlin 1989), I have chosen to investigate a syntactic phenomenon which distinguishes the Japanese and the Portuguese languages: the parameter of linearity (that is, word order).. According to this parameter, in Japanese the phrase head is in final position and in Portuguese it is in initial position. I show that, in this initial stage of second language acquisition, children transfer the head-last parameter of Japanese to Portuguese, when they are producing noun phrases (NP → N + complement) and verbal phrases (VP → V + complement). The evidence presented contradicts other studies which deny the existence

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, com o título “Aquisição do português como segunda língua: o caso das crianças Yuba”, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 4 de fevereiro de 1997, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cecília Perroni.

of language transfer at all (Dulay e Burt 1974; Dulay, Burt e Krashen 1982), and those who deny it mainly at the syntactic level (Felix 1978; Paradis and Genesee, 1996).

PRELIMINARES

Estudos de aquisição de segunda língua (L2, daqui em diante) têm trazido contribuições relevantes para o entendimento da aquisição da linguagem em geral, uma vez que muitas questões ainda permanecem em aberto dentro da área, principalmente no que se refere ao desenvolvimento, processamento e produção da linguagem.

Neste trabalho, dediquei-me ao estudo da aquisição do português como L2 por seis crianças nipo-brasileiras, cuja língua materna (L1, daqui em diante) é o japonês. Centrei-me na investigação da aquisição de um fenômeno sintático: o parâmetro da linearidade, ponto em que a sintaxe do japonês difere da do português. A análise dos dados deste fenômeno esteve embasada nos estudos sobre transferência de linguagem, mais comumente conhecido na literatura de aquisição de L2 como *language transfer* (Odlin 1989), correlacionado aos pressupostos teóricos da teoria inatista de aquisição da linguagem (Chomsky 1981, 1988; Radford 1990; Raposo 1992).

Os dados do português nesta fase de aquisição em que se encontram as crianças Yuba apresentam uma variação, ora refletindo a sintaxe do japonês, ora a do português, resultando numa mistura de códigos em que o léxico pertence à L2 e a estrutura sintática, à L1, situação verificada sobretudo nas construções de VPs e de NPs².

Embora alguns trabalhos sobre a aquisição de L2 neguem o transfer de aspectos de L1 no processo de aquisição de L2 (Dulay e Burt 1974; Dulay et al. 1982), principalmente no nível sintático (Felix 1978, Paradis e Genesee 1996), este meu trabalho teve como propósito primeiro fornecer evidências de que o transfer tem seu lugar apropriado na aquisição de L2, principalmente quando L1 e L2 são tipologicamente diferentes, como é o caso das línguas envolvidas neste estudo. Para tanto, descrevo e analiso construções de NPs e de VPs presentes na fase inicial de aquisição do português falado como L2, explicando a transferência de regras de L1 para L2, à luz do modelo de princípios e parâmetros da teoria da gramática gerativa.

No que respeita à metodologia empregada, os dados que compuseram o corpus desta pesquisa foram obtidos através de gravações, em audio-tape, da fala das seis crianças³. Das sessões de gravação, resultaram, ao final de 28 sessões, 14 horas e 05

² Seguindo a forma empregada originalmente em inglês, como é tendência dos estudos em gramática gerativa, emprego, neste trabalho, os seguintes rótulos: AP, para sintagma adjetival; NP, para sintagma nominal; VP, para sintagma verbal; PP para sintagma preposicional; A, para adjetivo; N, para nome; V, para verbo; P, para preposição.

³ À época da pesquisa as idades destas crianças variavam de 6;07 a 8;03. Todas elas são filhas de nipo-brasileiros residentes em uma colônia rural, conhecida como Granja Yuba, e constituem hoje terceira ou quarta geração de imigrantes japoneses. Esta colônia rural está situada no município de Mirandópolis (605 km a oeste de São Paulo) e sua fundação é decorrente da política migratória japonesa da década de 20. Hoje, esta comunidade compõe-se de cerca de 30 famílias, cujo "modus vivendi" procura preservar a cultura japonesa, desde a língua, de uso cotidiano, até o trabalho agrário, conciliados com atividades esportivas, artísticas e culturais.

minutos de fala das crianças. As gravações, realizadas em ambiente escolar, foram feitas a partir de diálogos que procuravam estimular a capacidade de narrar da criança. Apesar de todo o processo interacional ter sido conduzido pelo pesquisador, foi dado às sessões um caráter observacional. Entre as gravações e a transcrição dos dados, procurei manter o menor intervalo de tempo, para que o contexto dos processos interacionais, importantes para a interpretação de alguns dados, também pudesse ser registrado. Foram transcritas somente as falas em português das crianças Yuba, já que algumas sessões foram gravadas com a presença de mais de uma criança, ocasião em que a língua usada entre elas obviamente não era o português.

Cabe ressaltar que as crianças Yuba, apesar de serem monolíngües do japonês quando ingressam na escola⁴, não recebem nenhum tratamento diferenciado das demais crianças no processo de alfabetização. Pode-se considerar então que a aquisição de L2 segue um processo relativamente natural.

SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Diante do propósito deste trabalho, optei por ter a teoria inatista como suporte teórico, já que sua concepção de linguagem é a da língua enquanto um sistema de regras formais, ao qual o falante tem acesso de forma inconsciente. A unidade de análise que adoto então é uma categoria sintática (no presente caso, o sintagma), estando envolvidos na questão de sua aquisição princípios para os quais parece ser esta a teoria a que fornece respostas mais satisfatórias.

Para Chomsky, o grande propagador da teoria inatista, a criança nasce com um potencial completo para a linguagem, que atinge seu pleno funcionamento com a maturação do “órgão mental”, a que chamou LAD (Language Aquisition Device) ou UG (Universal Grammar) ou ainda Faculdade da Linguagem, onde se encontra depositado o conhecimento lingüístico, tratado como um sistema de regras e princípios radicados na mente humana, responsáveis pela produção de estruturas lingüísticas. Quando o processo de aquisição é completado, a linguagem constitui o estado maduro da faculdade da linguagem: a pessoa, então, fala e entende determinada língua.

Desenvolvida a Faculdade da Linguagem, o falante passa a ter acesso a um conhecimento sobre a estrutura de sua língua que o orienta no uso dela. Esse conhecimento foi denominado de competência lingüística, em contraposição à performance lingüística, que é o uso da língua pelo falante, em uma situação concreta de fala. A questão que surge então é quais aspectos da língua estão “disponíveis” para a criança, desde que nasce, e quais devem ser “aprendidos” com base na exposição a uma língua particular.

Apoiada na sintaxe, as investigações acerca da aquisição e do desenvolvimento da linguagem, dentro da perspectiva inatista, encontram-se solidamente amparadas no

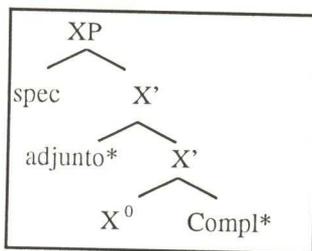
⁴ Na comunidade onde vivem, é esporádico o contato das crianças Yuba com falantes do português. Na vida diária, gastam pouco tempo diante da televisão e, quando o fazem, geralmente assistem a programações em língua Japonesa. Antes da idade escolar, também são esporádicas as saídas das crianças da comunidade.

modelo de princípios e parâmetros proposto por Chomsky (1981). Este modelo é composto essencialmente por princípios extremamente gerais, que se supõem reger todas as línguas do mundo. Neste sentido, a Gramática Universal é constituída por dois tipos de princípios: um de caráter geral, rígido e invariável, que a gramática de qualquer língua tem incorporado, propriamente chamado de princípio; e outro, de caráter mais aberto, chamado de parâmetro, que nada mais é do que uma propriedade de uma língua particular, a qual deve ser aprendida. O parâmetro pode ter um ou outro valor, que será determinado pela experiência lingüística da criança e, uma vez que o valor é aprendido, a variedade dos fatos segue os princípios gerais da linguagem (Chomsky 1988).

Conforme dispõe a teoria nativista, no processo de aquisição da linguagem, se for adotado um modelo em que os parâmetros são inicialmente neutros, em relação ao seu valor no estado final da língua, há de se considerar que a informação negativa seja relevante na aquisição do sistema lingüístico final. Para a manutenção da versão forte da não pertinência da informação negativa no processo de aquisição da linguagem, a adoção que se mostra mais consistente é a do modelo em que os parâmetros possuem um valor inicial não-marcado, alterado apenas se houver evidências positivas contrárias nos dados primários a que a criança tem acesso (cf. Raposo 1992:55-59). Vale dizer que a questão do que constitui o estado inicial de aquisição é ainda uma questão aberta dentro dos estudos da aquisição da linguagem.

A facilidade que a criança adquirindo qualquer que seja a L1 tem em “fixar” o parâmetro da ordem das palavras de sua língua, segundo o modelo de princípios e parâmetros, deve-se em grande parte à consistente simetria com que as categorias lexicais são projetadas dentro de categorias sintagmáticas de níveis mais altos (Radford 1990), como mostrado em (1) abaixo.

(1) esquema geral de projeção de categorias sintagmáticas, segundo o modelo X-barra⁵



Dentro do modelo dos princípios e parâmetros, o parâmetro que determina a ordem linear dos constituintes sintagmáticos é chamado parâmetro da linearidade (Radford 1990) ou parâmetro da ordem linear (Raposo 1992), o qual obedece ao princípio da endocentricidade. Este princípio dita que um núcleo (X⁰) projeta-se sempre dentro de

⁵ X pode ser qualquer uma das categorias sintagmáticas de uma língua, ou seja, N, V, P, A, Adv(erbial) e outras categorias funcionais; spec é a posição de especificadores; compl é a posição do complemento do núcleo sintagmático X; X⁰ é o núcleo do sintagma. Os asteriscos indicam a possibilidade de ocorrência de mais de um dos respectivos constituintes à direita ou à esquerda de X' ou X⁰.

sua respectiva categoria máxima (XP). Assim, um NP tem como núcleo um N; um VP, um V; um PP, um P e assim por diante. As propriedades de uma categoria lexical (N, V, P etc) admitem que ela tenha ou não um complemento. No caso de presença de complemento, duas possibilidades se apresentam: (1) ou o núcleo posiciona-se antes do seu complemento, como para o português, caso que caracteriza línguas de parâmetro head-first (HF, daqui em diante) ou de núcleo inicial; ou, (2) o núcleo posiciona-se depois do seu complemento, como para o japonês, caso que caracteriza línguas de parâmetro head-last (HL, daqui em diante) ou de núcleo final. Assim, o princípio da endocentricidade determina apenas que o núcleo projeta-se dentro de sua categoria sintagmática, sem, no entanto, definir a posição do núcleo em relação ao seu complemento.

O que deve ter ficado claro até este ponto é que, a criança, na aquisição de sua língua, estará diante da tarefa de determinar de sua experiência lingüística o valor apropriado do parâmetro que regula a ordenação dos constituintes sintagmáticos. Tomando isto como certo e transpondo para a aquisição de L2, proposta do trabalho que aqui se apresenta, tento mostrar que a criança Yuba encontra-se em um estágio desenvolvimental em que ainda está em curso a fixação dos parâmetros do português, visto que em suas falas encontram-se tanto o parâmetro HF como o HL.

A partir dos estudos sobre aquisição de L2, várias hipóteses foram sugeridas para explicar fenômenos que decorrem da aquisição bilíngüe sucessiva e, para este estudo, ative-me à questão do transfer, para explicar a presença de parâmetros de L1 atuando na aquisição de L2.

Aplicado aos estudos de aprendizagem e ensino de línguas, o termo transfer refere-se à transferências de elementos da língua nativa para padrões da língua alvo, quando os aprendizes tentam se comunicar na língua que está em curso de aquisição (Gass 1980). Já numa concepção mais ampla de aquisição de L2, transfer é a influência resultante de similaridades e diferenças entre a língua alvo e alguma outra que foi previamente adquirida (Odlin 1989:27)

O fenômeno de transfer tem sido uma questão amplamente explorada e motivo de muita controvérsia. A grande polarização fica entre a Hipótese da Análise Contrastiva (HAC) (Lado e Fries, 1957, apud Odlin, 1989) e a Hipótese da Construção Criativa (HCC) (Dulay e Burt, 1974; Dulay, Burt e Krashen, 1982).

A HAC advoga que as tarefas de aquisição de L1 e de L2 são diferentes e, no processo de aquisição de L2, onde aspectos desta se igualam a aspectos da língua previamente adquirida, nenhum novo hábito lingüístico é adquirido e o aprendizado é, dessa forma, facilitado. Por outro lado, onde aspectos das línguas envolvidas divergem, L1 interfere como um novo hábito para a L2 poder ser aprendida. Entretanto, da forma como foi concebida, esta hipótese não dá conta de predizer quais aspectos são susceptíveis de transferência de uma língua para outra (Odlin 1989), além de tratar o aprendizado de uma língua como formação de hábitos.

A HCC nega qualquer influência de L1 no processo de aquisição de L2, concebendo os dois processos como autônomos, uma vez que mecanismos cognitivos universais são a base para a organização de uma língua alvo, seja ela adquirida como L1 ou como L2. Segundo esta hipótese, os possíveis erros, entre eles o transfer, encontrados

no processo de aquisição de L2, devem-se a um processo de construção criativa, tido como universal, que prevê a reconstrução de regras, de modo a criança ir eliminando as diferenças entre o que ela ouve e o que ela produz (Dulay e Burt 1974:34).

Com base em estudos experimentais envolvendo um amplo grupo de crianças com várias L1, adquirindo o inglês como L2, as pesquisadoras proponentes da HCC afirmam que a interferência de padrões da língua previamente adquirida em L2 é virtualmente nula, por apresentar uma frequência menor de 5%. Felix (1978), assumindo posição semelhante, assegura que, em dados sintáticos, exemplos de transfer são raros e assistemáticos. A questão importante sugerida por este autor é por que a transferência/interferência ocorre em alguns domínios de L2 e por que não é uma fonte importante de “erros” em sintaxe. Essa precaução também se encontra em outros trabalhos que, antes de colocar o transfer como uma solução para os “erros” produzidos em L2, procuram verificar quais regras de L1 podem ou não ser transferidas no processo de aquisição de L2 (Odlin 1989; Gass 1980; Tarallo e Myhill 1983).

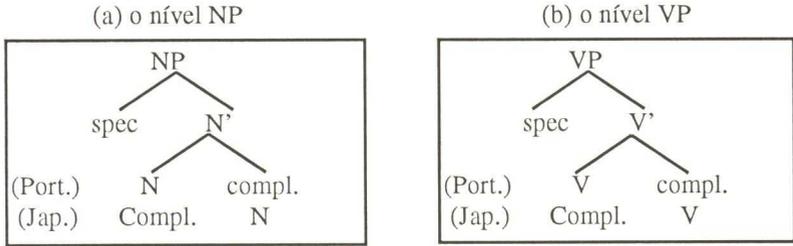
Tanto o componente contrastivo quanto o componente criativo são contemplados dentro de uma terceira hipótese, proposta por Flynn (1987), e da qual mais se aproximam os resultados por mim obtidos neste trabalho: a Hipótese da Marcação de Parâmetros. Em estudos de aquisição de L2, Flynn conclui, baseada no modelo de marcação de parâmetros, que no ponto em que L1 e L2 se igualam, ao parâmetro de L2 não precisa ser atribuído um novo valor, e, no ponto em que divergem, um novo valor ao parâmetro de L2 precisa ser atribuído. Neste modelo, tanto atua a análise contrastiva, para estabelecer o grau de similaridade entre as línguas envolvidas, quanto atua a construção criativa, já que mecanismos universais, e aqui, mais precisamente a Gramática Universal com seus princípios, desempenham um papel fundamental na marcação dos parâmetros.

Várias outras contribuições importantes, sugerindo evidências de transfer no processo de aquisição de L2, foram dadas por estudiosos cujos trabalhos não são aqui discutidos em pormenor. Vale entretanto mencionar alguns daqueles que enfocaram o transfer de padrões de L1 para L2 em diferentes subsistemas da língua: o trabalho de Itoh e Hatch (1978), para o nível fonológico; os trabalhos de Tarallo e Myhill (1983), Vainnikka e Young-Scholten (1996), Schwartz e Sprouse (1996), para o nível sintático; e, o trabalho de Yoshida (1978), para o nível lexical, entre outros.

UMA BREVE ANÁLISE DOS DADOS

As evidências que comprovam a influência de L1 na aquisição de L2 pelas crianças Yuba são mostradas por meio da descrição das construções de VP e de NP encontradas. Antes de adentrar na análise dos dados, vale esboçar como os sintagmas aqui estudados comportam-se estruturalmente em português e em japonês, segundo o modelo X-barra dado em (1) acima.

(2) representação estrutural de NP e VP em português e em japonês



Para a análise do nível VP, foram considerados apenas aqueles constituídos de núcleo verbal + complemento. Para o estudo do nível NP, foram selecionados apenas aqueles em cuja estrutura interna esteve presente o núcleo nominal + PP-complemento, como em pai de João. Conforme dispõem os parâmetros da ordem linear das duas gramáticas em concorrência, neste ponto da aquisição do português como L2, foi encontradas construções do tipo:

(3) Construções de VP com o parâmetro HL⁶

- a) ele né ... [VP no piquiniqui vai não] (A, 7;05)
- b) ó ... eu né ... eu né ... [VP páscoa né ... complá] (M, 7;00)
- c) ele gato né ... [VP rato vai vê né] (K, 7;09)
- d) (ela) [VP pena né ... vai fazendo] (A, 7;05)
- e) eu [VP Cíntia bateu não] (A, 7;08)

(4) Construções VP com o parâmetro HF

- a) coelho né:: [VP comê ninjin] (A; 7;05)
- d) eu [VP gosta merón [melão] mais] (A, 7;08)
- g) eu [VP num trouxe de folha de desenho] (K, 7;09)
- h) Sáki [VP morando na Yuba com me eu] (K, 8;00)
- l) Ana [VP bateu eu] (M, 7;00)

(5) Construções de NP com o parâmetro HL⁷

- (a) [P perguntando à M e à A sobre as criações da colônia onde moram]
P: você mexeu na galinha? ... e aí
A: mãe ó ... mãe né faz né assim ()
P: sua mãe? ... quê que ela fez?

⁶ A letra e os números colocados nos parênteses referem-se, respectivamente, à letra inicial do nome da criança que produziu o dado (A, M, K, O, L e C) e a sua idade.

⁷ Para uma melhor compreensão dos NPs, foram transcritos os contextos em que eles foram produzidos. Nesta transcrição, a coluna da esquerda refere-se à fala do Pesquisador (P) e a da direita, à da criança.

M: é né [PP da [NP [PP Apoloni da] [N mãe]]]...tem porco

(a') [igual ao contexto anterior]

A: ele porco né ... [NP [PP meu mãe] [N porco]]
né ... (faz menção de sair da sala)

(A, 7;07; M 7;03)

(b) [K contando sobre uma cachorra que teve filhotes]

P: mas de quem é o cachorro? ... do Raru?

K: é:: do [NP[PPRaru de][N papai]]...do Raru de
mamãe

(K, , 7;09)

(c) [igual ao contexto anterior]

K: você sabe Éder?

P: sei

K: [NP [PP dele] [N casa]] tem

(K, 7;10)

(d) [P pede a K que conte sobre um filme a que assistiu]

P: como que é a história do rei leão? [...] o

que que acontece? ... conta aí a história pra

mim ... eu não sei ... eu não assisti ainda

K: eu esqueci também ... o leão morre ... papai
também morre/papai morre ((tosse)) e o leão
foi grande e é:: [NP[PP rei leão do] [N
seu'rmão]]⁸... seu'rmão fez assim "quero
matá" e foi [som onomatopaico] fez assim

(K, 8;00)

(6) Construções NP com o parâmetro HF

(a) [NP [N irmã] [PP da Sáki]] (A, 07;08)

(b) [NP [N casa] [PP do papai]] (K, 07;09)

(c) [NP [N namorado] [PP da [NP[N mamãe][pp do Len]]]] (K, 07;09)

(d) [NP [N casa] [PP dele]] (K, 08;00)

(e) [NP [N irmã] [PP da Mie]] (M, 07;03)

Os exemplos de VP, dados em (3), e os de NP, dados em (5), mostram claramente que a forma linear de arranjo dos constituintes internos dos respectivos sintagmas segue a sintaxe de ordem de palavras do japonês. Comparando o dado apresentado em (3e) com sua versão para o japonês, é possível verificar que a ordem aplicada pela criança é exatamente a mesma de sua L1, inclusive a posição do advérbio de negação. Vejamos:

⁸ A seqüência [N seu'rmão] deve ser interpretada como equivalente a [N irmão].

(7) estrutura de VP em L2 equivalente à de VP em L1

L2: eu [VP Cíntia [V bateu] [neg não]]
L1: watashi-wa [VP Cíntia-o [V tatai-te-] [neg -nai]]⁹

Os NPs em negrito mostrados em (5), semelhantemente aos VPs dados em (3), também seguem o padrão estrutural do japonês. Em todos os sintagmas nominais em que ocorreu a transferência de regra do japonês, além da estrutura formal [N + PP], também uma relação semântica de posse, codificada como [possuidor + possuído] foi determinante para que a criança aplicasse a regra de sua L1. Para a interpretação dos sintagmas dados em (5), segundo o padrão estrutural do português adulto, deve-se inverter as formas como a criança codifica as funções “possuído” e “possuidor”, o que, respectivamente, resultariam os seguintes sintagmas: (a) [a mãe da Apoloni]; (a') [porco dela], [porco da minha mãe]; (b) [papai de Raru]; (c) [casa dele]; (d) [irmão do rei leão]. Os exemplos dados em (5b,d) são os que mais fielmente refletem as construções feitas segundo o parâmetro da língua japonesa [(NP-osposição + N)]. Tomando o exemplo (5b), comparemo-lo a sua versão para o japonês:

(8) estrutura de NP em L2 equivalente à de NP em L1

L2: [NP[N Raru][PP[P de][N Papai]]
L1: [NP[N Raru][PP[P no][N Otôsan]]

Os exemplos dados em (4) e em (6) seguem estritamente a ordem de palavras do português.

Do total de VPs selecionados para estudo (561 ocorrências), 19% foram estruturados segundo o parâmetro da L1 das crianças (HL) e 81%, segundo o parâmetro do português (HF). Considerando que 19% de transfer é um número bastante significativo para o estudo em questão e no intuito de mostrar que o transfer no nível sintático não é tão assistemático como acreditam alguns estudiosos da aquisição de L2 (Felix 1978), procurei verificar a existência de correlação da aplicação do parâmetro HL a outros fatores lingüísticos, como estrutura argumental interna e propriedades semânticas do verbo. As propriedades semânticas do verbo (como verbos existenciais, cujo significado expresso é o de existência - ter, existir, haver etc - e materiais, cujo significado é o de ação e/ou evento - fazer, acontecer etc) mostraram-se fatores que favorecem o transfer, mais do que as propriedades formais (verbos transitivos direto, indireto e transitivo circunstancial). Os verbos existenciais representaram 32% das construções HL e os materiais 20%. Os verbos transitivo direto, transitivo indireto e bitransitivos apresentaram freqüências muito próximas nas construções HL, com índices de 22%, 27% e 22%, respectivamente, impossibilitando correlacionar o tipo de verbo à aplicação deste parâmetro.

Ainda que se quisesse atribuir às construções VP com parâmetro HL uma outra interpretação que não a de transfer - como por exemplo, a de que o input da língua alvo

⁹ As partículas -wa e -o são marcas morfológicas que indicam tópico (sujeito) e objeto, respectivamente. A partícula -te equivale à flexão do verbo no tempo passado.

tem construções semelhantes àsquelas realizadas pelas crianças Yuba¹⁰ - as análises mostradas para o nível NP constituem evidências irrefutáveis da transferência do parâmetro HL do japonês na aquisição do PL2. Do total de NPs selecionados da produção das crianças Yuba (56 ocorrências), 45% foram construídos de acordo com o parâmetro HL do japonês. Do levantamento quantitativo feito para este nível, foi possível concluir que tanto fatores semânticos quanto fatores formais contribuem para a transferência do parâmetro HL de L1 para L2. Os PP-complementos que estabelecem a relação de posse (88% das ocorrências) e o traço semântico [+ humano] (67% das ocorrências) envolvidos nas construções NP são fatores que se correlacionam ao emprego do parâmetro HL em L2. Dessa forma, o nível NP construído com base no parâmetro HL é a mais forte evidência para validar a hipótese de transfer sintático, constituindo assim uma prova incontestada da presença de regras de L1 atuando no processo de aquisição de L2.

No total geral (NP e VP), a frequência de aplicação do parâmetro HL ficou em 21%, chegando a atingir 33% em algumas crianças. Se comparados à literatura, esse número mostra-se bastante significativo para comprovar a hipótese de transfer na aquisição de L2, uma vez que pesquisadores que negam a existência de transfer dizem que este número não chega a 5% (Dulay e Burt 1974; Dulay et al. 1982) ou é pouco significativo para validar esta hipótese (Felix 1978; Paradis e Genesee 1996).

Em estudos sobre a aquisição do português como L1 (cf. Perroni 1976), construções com a ordem complemento-núcleo não caracterizam a aplicação de um parâmetro diferente do de HF. Perroni (1976) mostra que construções complemento-Verbo presentes nos dados do sujeito que estudou são raríssimas, em termos percentuais não chegando a 0,5%, número um tanto distante quando comparado às mesmas construções HL do Português L2 das crianças Yuba (19%). Com relação às construções de NP, na aquisição do Português como L1, esta não apresentou nenhuma variação com relação ao modelo do português adulto¹¹. Para esse tipo de dado, Perroni afirma que:

“antes do conhecimento de meu, a criança marca a posse com a preposição seguida do nome do possuidor, ou amalgamada em pronomes pessoais ele/ela, quando não há preferência pelo próprio nome do possuidor. [...] É provável que a primeira expressão da noção de posse para a criança tenha sido: n + de + n, na ordem objeto possuído, preposição de, possuidor” (grifos da autora, p. 46)

Esta rápida comparação com o trabalho de Perroni é feita para dirimir qualquer dúvida que ainda possa existir quanto ao transfer de regras de L1 para o processo de aquisição de L2, ou seja, uma criança adquirindo o português como L1 não emprega construções semelhantes àsquelas das crianças adquirindo o Português como L2.

¹⁰ Essa seria uma interpretação questionável, pois no português ordenações diferentes daquela estabelecida pelo parâmetro HF são explicadas como aplicação de regras transformacionais, como topicalização, deslocamento de constituinte à direita ou à esquerda etc, ou recursos estilísticos da língua. Nunca caberia uma explicação como a presença de um outro parâmetro de ordenação de constituinte.

¹¹ Attié-Figueira (IEL/Unicamp), em comunicação pessoal, afirma ter registrado em diário algumas construções de NP, em dados de aquisição do português (L1) de sua filha, semelhantes às das crianças Yuba.

Antes de apresentar as principais conclusões deste trabalho, vale mencionar que o fator “tempo de exposição ao português” também é determinante na aplicação adequada do parâmetro da linearidade. É possível afirmar que com o aumento do tempo de exposição ao português e com o crescimento do conhecimento da língua, o transfer decresce e, conseqüentemente, a proporção de construções atribuíveis à interferência de L1 também decresce.

CONCLUSÕES

Do exposto até aqui, as evidências de transfer do parâmetro de L1 para a L2 em aquisição encontram amparo em estudos já feitos sobre a aquisição de L2 (Flynn 1987; Odlin 1989; Vainikka e Young-Scholthen 1996; entre outros) e, ao mesmo tempo, refutam postulados e teorias estabelecidos para esta mesma questão (Dulay e Burt 1974; Dulay et al. 1982; Felix 1978, Paradis e Genesee 1996). Longe de querer resolver definitivamente impasses criados em torno desse tema, as conclusões que aqui são apresentadas servem para fortalecer a postura teórica adotada no desenvolvimento deste trabalho e para mostrar que o fenômeno do transfer, principalmente no nível sintático, não pode ser desconsiderado em estudos de aquisição de L2.

As seguintes conclusões gerais podem ser elencadas:

- (i) em sintaxe, “erros” de ordem ocorrem em L2 como transferência de L1, se os valores do parâmetro da linearidade das duas línguas são diferentes;
- (ii) uma estratégia de transfer de L1 para L2 pode se mostrar operante, quando se tratar de línguas com parâmetros de valores diferentes para um mesmo princípio. Para se atingir o modelo adulto de L2, o input que a criança recebe em L2 interagindo com a gramática universal, força também atuante no processo de aquisição de L2 (pelo menos ainda dentro de um período crítico de aquisição da linguagem), leva a criança a remarcar o parâmetro em questão, de acordo com a gramática de L2, sem que isso cause a extinção do valor do parâmetro já marcado em sua L1, desde que L1 seja mantida pela criança;
- (iii) além da distância tipológica entre as línguas ser um fator que fortemente proporciona a presença de regras de L1 atuando em L2, também o desequilíbrio entre a exposição à L2 e o uso efetivo dela parece propiciar o transfer como uma estratégia de aquisição de L2. Essa é a situação a que as crianças Yuba estão submetidas, uma vez que o contato delas com o português restringe-se às cinco horas diárias que passam na Escola.

Espero, com este trabalho, ter dado a minha contribuição aos estudos da aquisição da linguagem, principalmente no que se refere ao entendimento de estratégias empregadas na aquisição de L2. Raras têm sido as abordagens nesta área, enfocando o português adquirido como L2, principalmente quando L1 é uma língua tipologicamente diferente, como é o caso do japonês.

BIBLIOGRAFIA

- DULAY, H. C. e BURT, M. K. (1974). Natural sequences in child second language acquisition. **Language Learning**, 24, 1, p. 37-53.
- DULAY, H., BURT, M., KRASHEN, S. (1982). **Language two**. New York: Oxford University Press.
- FELIX, S. W. (1978). Interferência, interlanguage, and related issues. In: HATCH, E.M. (ed.). **Second language acquisition**. Rowley, Massachusetts: Newbury House.
- FLYNN, S. (1987). **A parameter setting model of L2 acquisition**. Dordrecht: Reidel Publishing.
- GASS, S. (1980). Language transfer and universal grammatical relations. **Language Learning**, 29, 2, pp. 327-343.
- ITOH, H., HATCH, E. (1978). Second language acquisition: a case study. In: HATCH, E. M. (ed.). **Second language acquisition**. Rowley, Massachusetts: Newbury House.
- ODLIN, T. (1989). **Language Transfer**. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARADIS, J., GENESEE, F. (1996). Syntactic acquisition in bilingual children. **Studies in Second Language Acquisition**, 18, 1, pp. 1-25.
- PERRONI, M. C. (1976) **Aspectos da gramática do português aos 2;0 de idade**. Campinas: IEL/UNICAMP, Dissertação de Mestrado (mimeo.)
- RADFORD, A. (1990). **Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English**. Cambridge: Basil Blackweel.
- RAPOSO, E. (1992). **Teoria da gramática: faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho.
- SCHWARTZ, B. D., SPROUSE, R. A. (1996). Cognitive states and the full transfer/full access model. **Second Language Research**, 12, 1, pp.40-72.
- TARALLO, F., MYHILL, J. (1983) Interference and natural language processing in second language acquisition. **Language Learning**, 33, 1, pp.55-76.
- VAINIKKA, A. e YOUNG-SCHOLTEN (1996). Gradual development of L2 phrase structure. **Second Language Research**, 12, 1, pp. 7-39.
- YOSHIDA, M. (1978). The acquisition of English vocabulary by a Japanese-speaking child. In: HATCH, E.M. (ed.) **Second language acquisition**. Rowley, Massachusetts: Newbury House.